



Fotos: Divulgação

Ele não está em nenhuma lista de best sellers, mas certamente é obra obrigatória para quem deseja se aprofundar em um dos períodos mais criativos e pouco conhecidos da história da arte brasileira – entre 1790 a 1930.

Redescoberta guiada

por Orlando Santos

Arte brasileira em 25 quadros (1790-1930):
Rafael Cardoso; Editora Record; 224 páginas;
Formato: 21 cm x 28 cm;
Papel: Couchê Matt 90g/m², 4 cores, Brochura



Seu autor, Rafael Cardoso, escritor de ficção e professor de renome, nas primeiras páginas de *Arte brasileira em 25 quadros* já adianta um dos objetivos do seu trabalho: “A meta maior deste livro é fazer com que as pessoas gostem mais de arte, em especial da arte brasileira”.

Ricardo Fabrini, professor de Estética do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, no ensaio crítico intitulado “A consolidação da pintura moderna no Brasil”, vai mais longe. “O critério que motivou a seleção do autor foi o equilíbrio entre a qualidade artística das obras e sua representatividade histórica”, pontua ele, no prefácio.



Na página ao lado: **Dolorida**, de Antônio Parreiras, 1911 (Museu Antonio Parreiras). Acima: **Más Noticias**, de Rodolpho Amoedo, 1895 (MNBA) e **Retrato de El-Rei D. João VI**, de Jean-Baptiste Debret (MNBA).

Instigante, esclarecedor, polêmico, *Arte brasileira em 25 quadros* ganhou uma edição primorosa da Record e procura posicionar a situação da arte brasileira do período citado, conduzindo o leitor, com sabedoria, por todo o século XIX: da ascensão e consolidação da Academia Imperial de Belas Artes – e de sua sucedânea, a Escola Nacional de Belas Artes – até o momento de ruptura e transformação associado à primeira fase da arte moderna no Brasil.

O professor Fabrini observa que não se trata de um manual ou história da arte no sentido convencional: “ao lado de pinturas de referência há outras raramente lembradas; pois o autor analisa tanto pinturas cujo valor estético é continuamente reafirmado quanto pinturas ditas menores, que lhe permitam, pelo exame das circunstâncias de sua produção, entender o processo de consolidação da pintura moderna no Brasil”.

Reparação historiográfica

Ao fazer sua análise, Ricardo Fabrini mostra algumas situações conflitantes de um período da arte brasileira, que se debatia entre a influência europeia e a busca da identidade nacional. E assinala:

“Além de examinar pinturas de referência – como *A primeira missa no Brasil (1860)*, de Victor Meirelles, *A batalha de Avaí (1877)*, de Pedro Américo, *O importuno (1898)*, de Almeida Júnior, ou *Antropofagia (1929)*, de Tarsila do Amaral –, Cardoso, visando a uma reparação historiográfica, destacou tanto obras de ‘pouca originalidade’, que não inovaram na linguagem pictórica, mas que seriam representativas do imaginário do período, como obras que, embora consagradas pelo ‘juízo institucional’ de sua época, acabaram, no curso do tempo, relegadas a um ‘silêncio consagrador’...”

Examina, por exemplo, Flor, de data desconhecida, do artista José dos Reis Carvalho, praticamente ignorado mas considerado pelo autor um dos mais importantes pintores de natureza-morta do século XIX. Seus ‘registros’, ao modo das expedições dos naturalistas, revelariam o ‘domínio do sistema de codificação visual’ (como os gêneros da retórica) de sua época.”

Doutor em história da arte pelo Coutauld Institute of Art, de Londres, uma das instituições de maior prestígio no mundo, Rafael Cardoso teve seu primeiro contato com a arte ainda adolescente, ao visitar o Museu Nacional de Belas Artes. Ele se encantou com alguns quadros, em especial com a tela *Baile à fantasia*, de Rodolpho Chambelland. Anos depois, já historiador de arte, compartilha seu encantamento por meio da análise cuidadosa e histórica de 25 telas. ■